UNE ✦ SACRA

Mesopotâmia

Epopeia de Gilgamesh

✦ ✦ ✦

Escribas babilônicos; versão padrão atribuída a Sin-leqi-unninni

Adaptação (edição 1.5)

Créditos

Autor	Escribas babilônicos; versão padrão atribuída a Sin-leqi-unninni
Data	c. 2100 a.C. (poemas sumérios); c. 1800 a.C. (versão babilônica antiga); c. 1200 a.C. (versão padrão)
Idioma original	Acadiano
Versão	Adaptação (edição 1.5)
Tradução	Une Sacra, a partir de R. Campbell Thompson
Fonte	Une Sacra, a partir de R. Campbell Thompson, The Epic of Gilgamish, 1928
Licença	CC-BY-NC-SA-4.0

Sobre:

A Epopeia de Gilgamesh é um dos poemas mais antigos do mundo. Gilgamesh, rei de Uruk (a "Erech" da tradução), dois terços deus e um terço homem, oprime o seu povo; os deuses criam então Enkidu, um homem selvagem que vive com os animais, para lhe fazer frente.

Depois de lutarem, os dois se tornam amigos inseparáveis: vão à Floresta dos Cedros matar o gigante Humbaba e matam o Touro do Céu, que a deusa Ishtar enviou porque Gilgamesh recusou o seu amor.

Como castigo, os deuses decidem que Enkidu deve morrer. Desesperado diante da morte, Gilgamesh atravessa as montanhas e as Águas da Morte para encontrar Uta-Napishtim, o único homem que recebeu a vida eterna.

Na décima primeira tábua, Uta-Napishtim conta o dilúvio: o deus Ea o avisou para construir um barco, levar a família e "a semente de todos os seres vivos", e no fim soltar uma pomba, uma andorinha e um corvo — uma história muito parecida com a da arca de Noé.

Gilgamesh perde a planta da juventude para uma serpente e volta a Uruk; a décima segunda tábua, um acréscimo, mostra o espírito de Enkidu contando como é o mundo dos mortos.

Os primeiros poemas sobre Gilgamesh, em sumério, são de aproximadamente 2100 a.C.; a versão babilônica antiga, de cerca de 1800 a.C.; a versão padrão, em doze tábuas, foi organizada por volta de 1200 a.C. e é atribuída ao escriba Sin-leqi-unninni.

As tábuas mais conhecidas vieram da biblioteca de Assurbanípal, em Nínive, escavada por Layard e Rassam a partir de 1849; em 1872, George Smith, do Museu Britânico, reconheceu na décima primeira tábua o relato do dilúvio.

Esta tradução em versos de R. Campbell Thompson (1928) junta à versão assíria os fragmentos babilônicos antigos e hititas conhecidos na época; os colchetes marcam o que ele reconstituiu, e "[...]" indica as partes perdidas que ele resume em prosa.

Os Anunnaki aparecem como os juízes do mundo dos mortos, que no dilúvio levantam as tochas e incendeiam a terra. O prefácio, os resumos e as notas de Thompson não foram incluídos.

Para quem quer ler a história, a "Adaptação" do Une Sacra conta as doze tábuas em português de hoje, com notas onde a argila está quebrada. A tradução de R. Campbell Thompson (1928), fiel às tábuas e às suas lacunas, continua disponível ao lado.

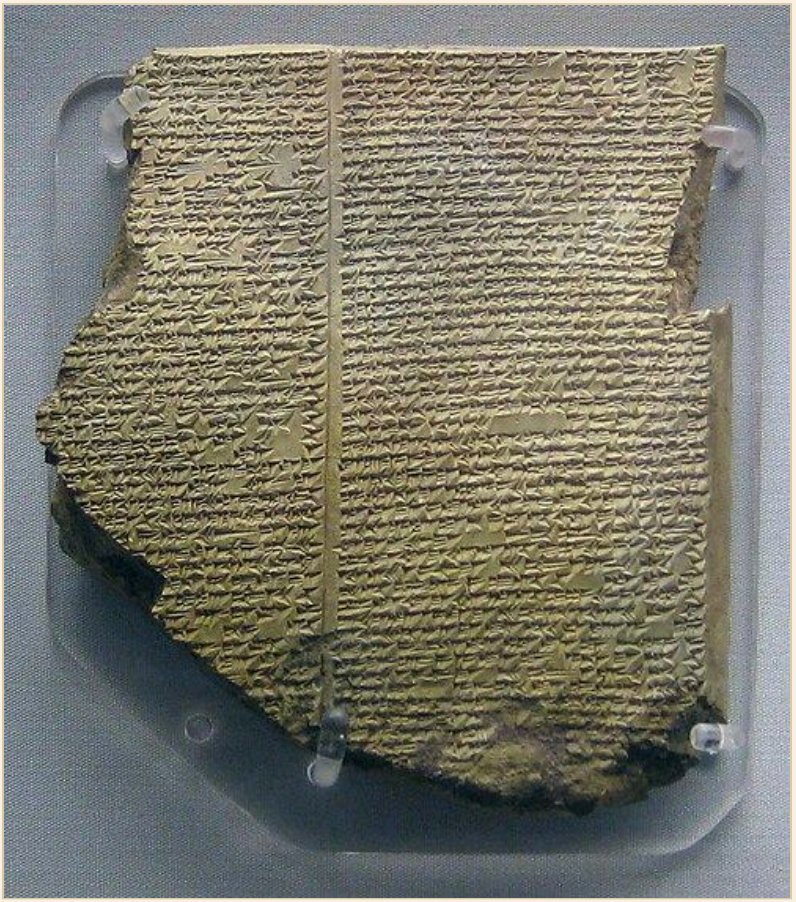
Fonte: https://web.archive.org/web/2018/http://www.sacred-texts.com/ane/eog/index.htm

Adaptação em prosa: a história contada em português de hoje, tábua por tábua. Onde a tábua de argila está quebrada, uma nota entre parênteses explica o que falta e o que se sabe pelas outras cópias antigas do poema. Para o texto fiel, com as lacunas, escolha a tradução de R. Campbell Thompson.

Consulte a fonte indicada acima para os termos de uso desta versão. O desenho deste arquivo é da Une Sacra (CC BY-NC-SA 4.0); o texto segue a licença indicada acima.

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Manuscritos e imagens



A "Tábua do Dilúvio": a décima primeira tábua da Epopeia de Gilgamesh, em acadiano, da biblioteca de Assurbanípal em Nínive (século VII a.C.). Museu Britânico, Londres.

Foto de BabelStone (CC0) — Wikimedia Commons · Alta resolução

Sumário

Tábua I

Tábua II

Tábua III

Tábua IV

Tábua V

Tábua VI

Tábua VII

Tábua VIII

Tábua IX

Tábua X

Tábua XI

Tábua XII

TÁBUA I

✦

1 Aquele que viu tudo, que conheceu o fundo de todas as coisas, deve ensiná-lo ao seu povo. Gilgamesh foi mestre da sabedoria: descobriu o que estava escondido e trouxe notícias do tempo de antes do dilúvio. Fez uma longa viagem, voltou cansado e gravou numa pedra tudo o que sofreu.

2 Foi ele quem ergueu as muralhas de Uruk e firmou como bronze os alicerces do Eana, o templo sagrado de Anu e de Ishtar. (Aqui a tábua está quebrada. Pelas outras cópias, o poema convida o leitor a subir na muralha, olhar os tijolos e abrir a caixa de cedro onde está guardada esta história.)

3 Gilgamesh é dois terços deus e um terço homem, e não há no país ninguém tão forte. Mas usa essa força contra o seu próprio povo. De dia e de noite, sem descanso, arrasta os rapazes para os seus trabalhos e as suas lutas, e nenhum filho fica com o pai. Toma para si as moças, e nenhuma filha fica com a mãe, nenhuma noiva com o noivo. "Ele é o nosso pastor", diz o povo de Uruk, "e nos trata assim."

4 Os deuses ouvem o lamento e vão falar com Anu, o deus do céu e senhor de Uruk: "Foste tu que fizeste este filho tirano. Ele não deixa o filho ao pai, nem a filha à mãe." Anu chama a deusa Aruru, que criou os seres humanos: "Faze agora alguém igual a ele, que o enfrente, para que os dois lutem entre si e Uruk tenha paz."

5 Aruru pensa no pedido de Anu, lava as mãos, pega um punhado de argila e o lança na estepe. Assim nasce Enkidu, um guerreiro forte como o deus Ninurta. O corpo dele é todo coberto de pelos, e o cabelo, comprido como

o de uma mulher, cresce como espigas de cevada. Ele não conhece gente nem cidades. Vive com as gazelas, pasta com os rebanhos e bebe com os animais nos bebedouros.

6 Um dia, um caçador dá de cara com ele junto à água, e volta lá três dias seguidos. Cada vez sente mais medo. Corre para casa e conta ao pai: "Pai, desceu das montanhas um homem enorme, o mais forte do país, forte como Anu. Anda pelas montanhas com os animais e bebe com eles. Tapa os buracos que eu cavo, arranca as minhas armadilhas e solta os bichos. Não me deixa caçar."

7 O pai responde: "Vai a Uruk e procura Gilgamesh, que ninguém venceu. Conta-lhe tudo. Ele te dará uma mulher do templo, uma sacerdotisa do amor (nas outras cópias, chamada Shamhat). Leva-a até o bebedouro. Quando Enkidu se aproximar, ela tira o manto e se mostra a ele. Depois de estar com ela, os animais que cresceram com ele vão fugir dele."

8 O caçador vai a Uruk e repete a Gilgamesh as mesmas palavras. Gilgamesh dá o mesmo conselho. O caçador parte com a mulher, e depois de três dias de caminho chegam ao bebedouro. Esperam um dia, dois dias. Então chegam os animais para beber, e com eles Enkidu.

9 "É ele", diz o caçador. A mulher não tem vergonha: tira o manto, e Enkidu se aproxima. Ficam juntos seis dias e sete noites. Quando Enkidu volta para os seus animais, as gazelas fogem dele, e os bichos da estepe se afastam. Ele tenta correr atrás deles, mas as pernas já não são as mesmas. Perdeu a vida selvagem, mas ganhou entendimento.

10 Enkidu se senta aos pés da mulher e escuta. Ela diz: "Tu és belo, Enkidu, és como um deus. Por que andar pela estepe com os animais? Vem comigo a Uruk das grandes muralhas, ao templo de Anu e de Ishtar, onde vive Gilgamesh, que domina os homens como um touro selvagem." Enkidu gosta da ideia, porque sente falta de um companheiro. "Leva-me", diz ele. "Vou desafiar Gilgamesh e gritar em Uruk: eu sou o mais forte! Quem nasceu na estepe é que tem mais força."

11 Ela responde: "Vem a Uruk, onde todo dia é festa, com músicos e dançarinas. Vou te mostrar Gilgamesh, um homem feliz e cheio de força, mais forte do que tu, que não descansa nem de dia nem de noite. Mas modera o teu orgulho: Shamash o ama, e Anu, Enlil e Ea lhe deram sabedoria. Antes de saíres das montanhas, Gilgamesh já tinha sonhado contigo."

12 Ela conta os sonhos. Gilgamesh disse à mãe, a deusa Ninsun: "Mãe, sonhei que, sob as estrelas, caiu sobre mim uma coisa pesada como o próprio Anu. Tentei levantá-la e não consegui; tentei tirá-la de cima de mim e não pude. O povo de Uruk se juntou em volta, os meus companheiros beijavam os pés dela.

12.2 Eu a abracei como se abraça uma mulher e a trouxe para ti, e tu a fizeste igual a mim." Ninsun, que sabe todas as coisas, explicou: "Isso é um companheiro forte, que defende o amigo, o mais forte do país. Tu o abraçaste como a uma mulher: é sinal de que ele nunca te abandonará."

13 Gilgamesh teve um segundo sonho: um machado caiu no meio de Uruk, o povo se juntou em volta, e ele o abraçou e o levou à mãe. Ninsun disse: "O machado é um homem. É o mesmo companheiro, o amigo que vai ficar ao teu lado." E Gilgamesh respondeu: "Que venha, então. Se vier

um grande perigo, terei um amigo." (A tábua termina aqui. Na seguinte, a mulher leva Enkidu a um acampamento de pastores, onde ele aprende a comer pão e a beber cerveja, antes de chegar a Uruk.)

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA II

✦

1 Enquanto Gilgamesh conta os seus sonhos em Uruk, Enkidu continua com a mulher do templo, e esquece o lugar onde nasceu. Ela lhe diz outra vez: "Enkidu, tu és como um deus. Por que andar pela estepe com os animais? Vem, vou te levar a Uruk das grandes praças, ao Eana, a casa de Anu, onde vive Gilgamesh, o maior de todos. Tu vais amá-lo como a ti mesmo. Levanta-te do chão, que isto é cama de pastor." Enkidu escuta, e o conselho lhe toca o coração.

2 Ela tira uma das suas roupas e veste Enkidu com ela; fica com a outra. Pega-o pela mão, como se faz com um irmão, e o leva ao acampamento dos pastores, junto aos currais. Os pastores se juntam em volta dele. (Aqui faltam algumas linhas.)

3 Enkidu sempre tinha mamado o leite dos animais selvagens. Põem pão diante dele, e ele fica olhando, espantado: não sabe comer pão nem beber cerveja. A mulher lhe diz: "Come o pão, Enkidu, que é o que sustenta a vida. Bebe a cerveja, que é o costume da terra." Enkidu come até se fartar e bebe sete jarros. O coração se alegra, o rosto se ilumina. Ele lava o corpo, unge o pelo com óleo — e assim se torna humano.

4 Veste roupas como um homem, pega uma arma e sai à noite caçando os leões e os chacais que atacavam os rebanhos. Com Enkidu de guarda, os pastores dormem em paz.

5 Um dia, enquanto se diverte com a mulher, Enkidu vê passar um homem com pressa e pergunta aonde ele vai. O homem conta que vai à festa de casamento em Uruk, onde Gilgamesh, como rei, tem o costume de ficar primeiro com a noiva, antes do marido. (A tábua está danificada neste ponto; nas outras cópias, Enkidu fica revoltado com o que ouve.) Enkidu segue para a cidade, com a mulher atrás dele.

6 Quando ele para numa rua de Uruk, o povo se junta e comenta: "É parecido com Gilgamesh! Um pouco mais baixo, mas de ossos mais fortes. Quando pequeno, mamava o leite dos bichos. Agora é um herói, igual a Gilgamesh."

7 Está preparada a cama para o casamento, e Gilgamesh vem à noite. Mas Enkidu fica parado na passagem, barra a porta com o pé e não deixa Gilgamesh entrar. Os dois se agarram e bufam como touros; quebram o umbral da porta, e a parede treme.

8 Por fim, Gilgamesh firma o joelho no chão e a sua raiva passa. Enkidu então lhe diz: "Tua mãe te deu à luz como um ser único, Ninsun te pôs acima de todos os heróis, e Enlil te deu o reino sobre os homens." (Nas outras cópias, os dois se abraçam e se tornam amigos.)

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA III

✦

1 (O começo da tábua se perdeu.) Alguém conta à mãe de Gilgamesh que Enkidu não tem igual, que nasceu na estepe e ninguém se compara a ele. Enkidu ouve, senta-se triste, os olhos se enchem de lágrimas e os braços perdem a força. Os dois amigos se dão as mãos como irmãos. "É a minha querida que me abraçou para se despedir", diz Enkidu, "por isso fiquei sem forças."

2 Gilgamesh lhe diz: "Amigo, decidi ir à Floresta dos Cedros. Vou vencer Humbaba, o Terrível, acabar com o mal que há nela e cortar o cedro." Enkidu responde: "Quando eu andava com os animais pelas montanhas, cheguei perto daquela floresta. O rugido de Humbaba é uma tempestade, a boca dele é fogo, o seu hálito é a morte. Por que queres fazer isso? Enfrentar Humbaba é uma luta desigual."

3 Enkidu insiste: "Enlil pôs Humbaba ali para guardar a floresta e assustar os homens. Ele nunca dorme. Se ouve um passo no caminho, pergunta: quem é que desce à minha floresta? E quem desce, a desgraça o pega."

4 Gilgamesh responde: "Meu amigo, quem escapa da morte? Só os deuses vivem para sempre à luz do sol. Os dias dos homens estão contados, e tudo o que fazem é vento. Tu já tens medo da morte? Então eu vou na frente. Se eu cair, terei feito um nome. Dirão: Gilgamesh lutou contra Humbaba, o Terrível. E um dia, quando os meus filhos subirem no teu colo, vão pedir: conta-nos o que sabes. Estou decidido: vou cortar o cedro e ganhar fama para sempre."

5 Os dois vão aos artesãos, que fundem armas enormes: machados de três talentos cada um, espadas com punhos de dois talentos e lâminas de trinta minas, com ouro. Cada um dos dois carrega dez talentos de armas.

6 Na Porta das Sete Trancas de Uruk, o povo se reúne, e os anciãos se sentam diante do rei. Gilgamesh diz: "Anciãos de Uruk, escutem: vou enfrentar Humbaba, o Terrível. Quero que ele ouça falar de mim e diga: quero ver esse Gilgamesh, de quem o mundo inteiro fala. Vou vencê-lo e cortar os cedros, para ter fama para sempre."

7 Os anciãos respondem: "Gilgamesh, tu és jovem, e a tua coragem te leva longe demais. Não sabes bem o que vais enfrentar. Ouvimos dizer que Humbaba é terrível. Quem enfrentaria as armas dele? O rugido dele é uma tempestade, a boca é fogo, o hálito é a morte." Gilgamesh escuta, pensa, e diz ao amigo: "Eu tenho medo dele, sim. Mas mesmo assim vou à floresta."

8 Gilgamesh se ajoelha diante de Shamash, o deus do sol, e ergue as mãos: "Shamash, guarda a minha vida e traze-me de volta às muralhas de Uruk. Estende sobre mim a tua proteção." Com lágrimas descendo pelo rosto, ele diz: "Vou por um caminho que nunca andei, por uma estrada que não conheço. Se eu voltar em paz, vou te honrar como mereces." Recebem os machados, o arco e a aljava, e antes de partir oferecem presentes a Shamash, para que ele os traga de volta.

9 Os anciãos se despedem com bênçãos e conselhos: "Gilgamesh, não confies só na tua força. Deixa Enkidu ir na frente: ele conhece o caminho e já andou por ele. Quem vai na frente protege o companheiro. Que Shamash

te dê o que desejas, que abra o caminho fechado e a passagem nas montanhas. Que o teu deus Lugalbanda te mande à noite um sonho que te alegre.

9.2 Onde parares, cava um poço, para que a água do teu odre seja sempre pura, e derrama água fresca para Shamash." Enkidu diz ao amigo: "Não tenhas medo no coração. Confia em mim." Jogam os mantos nos ombros e partem juntos para a terra de Humbaba.

10 Antes, contudo, Gilgamesh leva Enkidu ao Palácio Esplêndido, à presença da sua mãe, a rainha Ninsun, que sabe todas as coisas, para que ela lhes mostre o caminho. "Ninsun, vou fazer uma longa viagem, até a casa de Humbaba, para uma luta que não conheço, por um caminho que não conheço."

11 Ninsun entra no seu quarto, enfeita-se com flores, veste as roupas de festa, põe a coroa, sobe ao terraço do palácio e oferece incenso e sacrifício a Shamash: "Por que deste ao meu filho Gilgamesh esse coração que não descansa? Agora ele vai por um caminho que não conhece, até a Floresta dos Cedros, para vencer Humbaba e acabar com o mal que tu detestas. Que Aya, a tua esposa, te lembre dele em todos os dias da viagem." (O final da tábua está muito danificado.)

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA IV

✦

1 (O começo se perdeu.) Os dois chegam à grande porta da Floresta dos Cedros. Enkidu ergue os olhos e fala com a porta como se ela fosse gente: "Porta da floresta, que não entendes nada! Por quarenta léguas admirei a tua madeira, até avistar o cedro alto. A tua madeira não tem igual no país: seis varas de altura, duas de largura. As tuas peças devem ter sido feitas na cidade de Nippur. Se eu soubesse que eras tão bela, teria erguido o meu machado contra ti..." (Aqui faltam linhas.)

2 Enkidu se lança como um touro selvagem, arranca a porta e a joga longe, e grita para o guardião da floresta, desafiando Humbaba. (O texto falha outra vez.)

3 Depois, Enkidu tem um sonho ruim, e o que ele sonhou se cumpre: ele adoece e fica deitado um dia, dois, três... até doze dias. Então chama Gilgamesh: "Meu amigo, alguém me odeia, porque em Uruk tive medo da luta..." E pede: "Amigo, não vamos descer ao fundo da floresta. As minhas mãos ficaram fracas, os meus braços estão sem força."

4 Gilgamesh responde: "Amigo, vamos agir como covardes? Tu és esperto na guerra e sabes lutar. Esquece a morte e não tenhas medo. Que a fraqueza saia dos teus braços! Coragem! Vamos descer juntos. Quem vai na frente, com cuidado, protege a si e ao companheiro, e os dois fazem um nome." E assim chegam juntos à entrada da floresta, e param em silêncio.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA V

✦

1 Param e olham a floresta, olham a altura dos cedros, olham a trilha que entra nela. Por onde Humbaba andava há um caminho reto e bom. Veem a Montanha dos Cedros, a morada dos deuses, o santuário da deusa Irnini. O cedro ergue a sua copa diante da montanha; a sombra é boa e cheia de prazer, e o mato se espalha em volta.

2 (Faltam linhas.) Gilgamesh conta ao amigo um sonho: "Estávamos os dois no alto de uma montanha, e a montanha caiu..." Enkidu explica: "Amigo, é um sonho bom, de grande ganho. A montanha que viste é Humbaba. Quer dizer que vamos pegar Humbaba e jogar o corpo dele no chão. Amanhã vou te mostrar."

3 Caminham. Depois de quarenta léguas param para comer; depois de sessenta, descansam. Cavam um poço ao sol. Gilgamesh sobe na montanha e derrama farinha como oferenda: "Montanha, dá-me um sonho." À noite, um vento frio sopra sobre ele; Gilgamesh se encolhe, abraça os joelhos, e o sono o pega. À meia-noite acorda subitamente e diz ao amigo: "Tu me chamaste? Por que acordei? Tu me tocaste? Por que tenho medo? Passou algum espírito? Por que a minha carne treme?"

4 "Tive um terceiro sonho, e foi assustador. O céu rugia, a terra respondia; o dia escureceu, vieram trevas, relâmpagos brilharam, acenderam-se chamas, e a morte se fartava. Depois o clarão sumiu, o fogo se apagou e as brasas viraram cinza." Enkidu interpreta o sonho. (A explicação dele se perdeu; nas outras cópias, ele diz que o sonho também é bom.)

5 Gilgamesh reza a Shamash, que ouve o pedido e levanta contra Humbaba grandes ventos — o vento do norte, o do sul, a tempestade, o vento frio, o redemoinho, oito ventos ao todo. Os ventos prendem Humbaba pela frente e por trás, e ele não consegue nem avançar nem recuar. Então Humbaba se rende.

6 Humbaba diz a Gilgamesh: "Gilgamesh, para! Sê o meu senhor, e eu serei o teu servo. Esquece as palavras orgulhosas que eu disse contra ti." (A promessa dele está quebrada; nas outras cópias, ele oferece cortar cedros para Gilgamesh e servir no seu palácio.) Mas Enkidu diz a Gilgamesh: "Não aceites o que Humbaba te oferece. Ele não pode ficar vivo." (Faltam linhas.) E eles cortam a cabeça de Humbaba.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA VI

✦

1 Gilgamesh lava o corpo sujo da luta e limpa as armas. Solta os cabelos sobre os ombros, tira as roupas manchadas e veste roupas limpas, põe o diadema e o cinturão.

2 A deusa Ishtar vê como Gilgamesh é belo e lhe diz: "Gilgamesh, vem, sê o meu noivo! Dá-me o teu amor; sê o meu marido, e eu serei a tua esposa. Vou te dar um carro de lápis-lazúli e ouro, com rodas de ouro, puxado por grandes mulas. Entra na nossa casa, perfumada de cedro: o umbral e o trono vão beijar os teus pés, reis e príncipes vão se curvar diante de ti e trazer tributos das montanhas e das planícies. As tuas cabras darão crias, as tuas ovelhas darão gêmeos, os teus cavalos serão famosos na corrida."

3 Gilgamesh responde: "E o que eu teria de te dar, se me casasse contigo? Óleo para o corpo, roupas, pão e comida dignos de uma deusa, bebida digna de uma rainha. E o que eu ganharia?

3.2 Tu és uma ruína que não protege da chuva, uma porta dos fundos que não segura o vento, um palácio que esmaga os heróis lá dentro, uma cova coberta que engana quem pisa, piche que suja quem o carrega, um odre que vaza, um calcário que derruba a muralha, uma sandália que faz tropeçar. Qual dos teus maridos tu amaste para sempre? Vem, vou te contar a história dos teus amores."

4 "Tamuz, o amor da tua juventude, tu o fizeste ser chorado todos os anos. Amaste o pássaro de penas coloridas e quebraste a sua asa; ele fica no bosque gritando: minha asa! Amaste o leão, cheio de força (e, pelas outras có-

pias, cavaste covas para ele, sete e mais sete). Amaste o cavalo, magnífico na batalha, e lhe deste o freio, a espora e o chicote, e o fizeste galopar sem parar, e fizeste a sua mãe chorar."

5 "Amaste o pastor, que todo dia te oferecia cabritos e pães, e tu o transformaste em lobo: os seus próprios ajudantes o expulsam, e os cães mordem as suas pernas. Amaste Ishullanu, o jardineiro do teu pai, que todo dia enchia a tua mesa, e lhe disseste: vem, meu Ishullanu, deixa-me provar a tua força. Ele respondeu: o que me pedes?

5.2 Só como o que a minha mãe cozinhou; o que eu comeria contigo seria pão de pecado. Tu o castigaste e o transformaste numa aranha (ou numa toupeira; a palavra é incerta), presa no meio da casa, sem poder subir nem descer. E assim farias comigo também."

6 Ishtar fica furiosa e sobe ao céu, a Anu, o seu pai, e a Antu, a sua mãe: "Pai, Gilgamesh me insultou, contou todos os meus pecados!" Anu responde: "Foste tu que lhe pediste amor, por isso ele contou os teus pecados." Ishtar diz: "Pai, faz para mim o Touro do Céu, para matar Gilgamesh. Se não o fizeres, vou quebrar as portas do mundo dos mortos e trazer os mortos para comer os vivos." (As últimas palavras da ameaça estão quebradas; vêm das outras cópias.)

7 Anu avisa: "Se eu fizer o Touro do Céu, virão sete anos de fome. Juntaste grão para os homens e capim para os animais?" Ishtar responde: "Juntei grão para os homens e capim para os animais, para os sete anos de fome." (Faltam linhas; o Touro desce a Uruk e, a cada bufo, abre buracos onde caem centenas de homens.)

8 Enkidu aperta o cinto, salta, agarra o Touro do Céu pelos chifres e o derruba diante de si; persegue-o e o segura pela cauda grossa. (Nas outras cópias, Gilgamesh enfia a espada na nuca do Touro.) Depois de matarem o Touro, os dois tiram o seu coração e o oferecem a Shamash, derramam a libação e sentam-se, como irmãos.

9 Ishtar sobe na muralha de Uruk e grita: "Ai de Gilgamesh, que me fez chorar matando o Touro do Céu!" Quando Enkidu ouve, arranca a coxa do Touro e a atira contra ela: "Se eu te alcançasse, faria contigo o mesmo e penduraria as tripas dele em ti!" Ishtar reúne as sacerdotisas do templo, e elas choram sobre a coxa do Touro.

10 Gilgamesh chama os artesãos, que admiram o tamanho dos chifres: cada um pesa trinta minas de lápis-lazúli, e os dois juntos cabem seis medidas de óleo. Ele os oferece ao seu deus Lugalbanda e os pendura no seu quarto. Os dois lavam as mãos no Eufrates e voltam à cidade.

11 Andam pelas ruas de Uruk, e o povo se junta para vê-los. Gilgamesh pergunta aos que estão em volta: "Quem é o mais belo dos heróis? Quem é o mais famoso dos homens?" E a resposta vem: "Gilgamesh é o mais belo dos heróis! Enkidu é o mais famoso dos homens!"

12 Naquela noite há festa no palácio. Os heróis dormem nas suas camas, e Enkidu também dorme — e tem um sonho. Acorda e vai contá-lo ao amigo.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA VII

✦

1 Enkidu conta o sonho: "Amigo, por que os grandes deuses estão reunidos em conselho?" (Aqui a tábua se perdeu. Nas outras cópias, Enkidu sonha que Anu, Enlil e Shamash discutem, e que um dos dois amigos deve morrer por terem matado Humbaba e o Touro do Céu; os deuses decidem que será Enkidu.) E Enkidu adoece: "A febre me derrubou na cama."

2 Doente, Enkidu amaldiçoa a mulher do templo que o tirou da estepe (nas outras cópias, também o caçador). Shamash ouve e fala do céu: "Enkidu, por que amaldiçoas a mulher? Foi ela quem te deu pão digno de um deus e cerveja digna de um rei, quem te vestiu com um belo manto e quem te deu por companheiro o esplêndido Gilgamesh.

2.2 E Gilgamesh, teu amigo e teu irmão, vai te deitar numa grande cama de honra, num trono à sua esquerda, para que os príncipes do mundo dos mortos beijem os teus pés. Vai fazer todo o povo de Uruk chorar por ti. E ele mesmo, por tua causa, vai deixar o corpo sujo e vestir uma pele de leão e vagar pela estepe."

3 Ouvindo Shamash, a raiva de Enkidu passa, e ele troca a maldição por uma bênção: "Que reis, príncipes e nobres te amem. Que te deem joias e ouro, que a tua cama seja de lápis-lazúli e ouro, que os deuses te deixem entrar nos templos." (Várias linhas desta bênção estão quebradas.)

4 Com uma dor no ventre, deitado sozinho, Enkidu conta à noite ao amigo um novo sonho: "Amigo, sonhei que o céu rugia e a terra respondia, e eu estava sozinho. Apareceu um homem de rosto sombrio, com garras de leão

no lugar das unhas. Ele me venceu, me derrubou, me apertou..."

5 "...e as minhas mãos viraram asas, como de pássaro. Ele me agarrou e me levou à Casa das Trevas, a morada de Irkalla, a casa de onde quem entra nunca sai, pelo caminho que não tem volta. Lá os moradores vivem sem luz, comem pó e se alimentam de barro. Vestem roupas de penas, como os pássaros, e ficam sentados no escuro, sem nunca ver a luz."

6 "Na Casa do Pó vi os que tinham usado coroas, os que reinaram no país desde os tempos antigos, servindo comida e água fresca como servos. Lá estavam sentados o sumo sacerdote e o acólito, o adivinho e o mago, o sacerdote que ungia os deuses; estavam Etana e Sumuqan, e a rainha do mundo dos mortos, Ereshkigal. Diante dela, Belit-seri, a escriba do mundo de baixo, lia em voz alta. Ela ergueu a cabeça e me viu..." (O fim da tábua se perdeu. Nas outras cópias, Enkidu fica doente doze dias e morre.)

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA VIII

✦

1 Gilgamesh chora diante dos anciãos de Uruk: "Escutem, anciãos. Eu choro pelo meu amigo Enkidu, choro amargamente como uma carpideira. O machado já não fica na minha mão, a espada caiu do meu cinto, e as roupas de festa não me alegram mais. A tristeza me derrubou."

2 "Meu amigo, meu irmão, que caçava o asno selvagem e o leopardo da estepe; Enkidu, que venceu comigo todos os perigos, subiu as montanhas, pegou o Touro do Céu e venceu Humbaba na Floresta dos Cedros — que sono é esse que te pegou? Agora estás escuro e não me ouves." Mas Enkidu não abre os olhos. Gilgamesh põe a mão no peito do amigo, e o coração não bate.

3 Então ele cobre o rosto do amigo como se cobre uma noiva. Ruge como um leão, como uma leoa que perdeu os filhotes. Anda de um lado para outro diante do corpo, arranca os cabelos e os joga fora, rasga as suas belas roupas.

4 Quando amanhece, Gilgamesh promete ao amigo o que Shamash tinha dito: "Vou te deitar numa grande cama de honra, num trono à minha esquerda, para que os príncipes do mundo dos mortos beijem os teus pés. Vou fazer o povo de Uruk chorar por ti e pôr homens e mulheres a teu serviço. E eu mesmo, por ti, vou deixar o meu corpo sujo, vestir uma pele de leão e vagar pela estepe."

5 No dia seguinte, Gilgamesh prepara o funeral: manda fazer uma estátua do amigo (o texto está quebrado; nas outras cópias, com o peito de lápis-lazúli e o corpo de ouro), uma grande mesa de madeira das montanhas, uma taça de cornalina cheia de mel e uma taça de lápis-lazúli cheia de manteiga, e as oferece a Shamash. (O resto da tábua se perdeu.)

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA IX

✦

1 Gilgamesh chora amargamente pelo amigo e vaga pela estepe: "Eu também vou morrer como Enkidu? A tristeza entrou no meu coração. Tenho medo da morte, por isso ando pela estepe. Vou procurar Utnapishtim, filho de Ubara-Tutu, e vou depressa."

2 "Se eu chegar de noite às passagens das montanhas e encontrar leões, ergo a cabeça e rezo ao deus da lua: salva-me!" Ele dorme e tem um sonho (quebrado). Acorda, ergue o machado, tira a espada do cinto, salta como uma lança no meio dos leões e os mata.

3 Chega às montanhas de Mashu, que vigiam todo dia o nascer e o pôr do sol. Os seus picos tocam o céu, e as suas raízes descem até o mundo dos mortos. Na porta, montam guarda os homens-escorpião, tão terríveis que o seu olhar é a morte, tão grandes que fazem tremer os montes. São os guardas de Shamash no nascer e no pôr do sol. Quando Gilgamesh os vê, o seu rosto fica pálido de medo, e ele se joga no chão diante deles.

4 O homem-escorpião diz à mulher: "Quem vem aí tem corpo de deus." A mulher responde: "Dois terços dele são deus, e só um terço é homem." (Aqui falta um bom pedaço. Pelas outras cópias, Gilgamesh conta que procura Utnapishtim, e os guardas o deixam entrar no túnel do sol, que ele atravessa por doze léguas de escuridão completa, até sair à luz.)

5 Do outro lado há um jardim de pedras preciosas: árvores que dão frutos de cornalina, com cachos pendurados, belas de ver, com folhas de lápis-lazúli, cheias de frutos que dão gosto aos olhos.

6 (Faltam linhas.) Shamash fica preocupado com Gilgamesh, que veste peles de animais e come a carne deles, e lhe diz: "Gilgamesh, por que corres? A vida que procuras, não vais encontrar." Gilgamesh responde ao deus: "Depois de andar sem rumo pela estepe, vou deitar a cabeça debaixo da terra e dormir por todos os anos? Deixa que os meus olhos vejam o sol e se fartem de luz. Quando é que um morto volta a ver a luz do sol?"

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA X

✦

1 À beira do mar mora Siduri, que faz e vende vinho, coberta com um véu. Gilgamesh se aproxima, vestido com peles. Tem corpo de deus, mas a tristeza no ventre, e o rosto de quem fez uma longa viagem. Siduri o vê de longe e pensa: "Esse homem quer me fazer mal." Fecha o portão, a porta e o quarto.

2 Gilgamesh ouve o barulho e ergue os olhos para ela: "Mulher do vinho, o que viste para fechar o portão e a porta? Vou quebrar a tua porta e arrebentar a tranca!"

3 Siduri pergunta: "Por que estás tão abatido, com o rosto encovado? Por que há tristeza no teu coração? Tens o rosto de quem fez uma longa viagem, queimado pelo frio e pelo calor. Por que vagas pela estepe?" Gilgamesh responde: "Como não estar abatido? O meu amigo, o meu irmão, que caçava comigo o asno selvagem e o leopardo, que venceu comigo Humbaba e o Touro do Céu e matou os leões nas passagens das montanhas — Enkidu, a quem eu tanto amava, foi pego pelo destino dos homens."

4 "Chorei por ele seis dias e sete noites e não o entreguei ao túmulo (nas leituras de hoje: até que um verme caiu do seu nariz). Então tive medo da morte e saí vagando pela estepe. Como ficar calado? Como ficar quieto? O amigo que eu amava virou pó. E eu, não vou deitar como ele, para nunca mais me levantar? Agora que vejo o teu rosto, mulher do vinho, que eu não veja a morte que tanto temo!"

5 Siduri responde: "Gilgamesh, por que corres? A vida que procuras, não vais encontrar. Quando os deuses criaram os homens, deram a eles a morte e guardaram a vida para si. Tu, Gilgamesh, enche a barriga, alegra-te de dia e de noite, faz de cada dia uma festa, dança e brinca dia e noite. Veste roupas limpas, lava a cabeça e banha-te na água. Olha a criança que segura a tua mão, e que a tua mulher se alegre nos teus braços. Isso é o que cabe aos homens."

6 Gilgamesh insiste: "Mulher do vinho, qual é o caminho até Utnapishtim? Qual é o sinal? Dá-me o sinal. Se for possível, atravesso o mar; se não for, volto a vagar pela estepe." Siduri responde: "Nunca houve travessia, Gilgamesh. Ninguém que chegou até aqui conseguiu atravessar o mar. Só Shamash, o herói, o atravessa; além dele, quem?

6.2 A travessia é difícil, o caminho é penoso, e no meio ficam as Águas da Morte, que fecham a passagem. Mas há Urshanabi, o barqueiro de Utnapishtim. Ele tem consigo o que move o barco e está na floresta. Vai vê-lo: se for possível, atravessa com ele; se não, volta."

7 Ao ouvir isso, Gilgamesh pega o machado e a espada e vai até lá. (Faltam linhas. Pelas outras cópias, ele quebra, num acesso de fúria, as "pedras" — talvez figuras de pedra — que ajudavam o barqueiro na travessia.) Urshanabi pergunta: "Qual é o teu nome? Eu sou Urshanabi, servo de Utnapishtim, o Distante."

7.2 Gilgamesh responde: "Meu nome é Gilgamesh, venho de Uruk, atravessei as montanhas por um longo caminho, do lado onde nasce o sol. Agora que vejo o teu rosto, Urshanabi, deixa-me ver também Utnapishtim, o Distante."

8 Urshanabi lhe faz as mesmas perguntas de Siduri, e Gilgamesh dá as mesmas respostas e pede o caminho. O barqueiro diz: "Gilgamesh, foi a tua própria mão que impediu a travessia: tu quebraste o que nos levava. Pega o machado, desce à floresta e corta varas de cinco varas de comprimento cada uma, com pontas de betume, e traze-as." Gilgamesh corta as varas, faz as pontas e as traz. Os dois embarcam e lançam o barco nas ondas.

9 Em três dias fazem o caminho de um mês e meio e chegam às Águas da Morte. Urshanabi avisa: "Gilgamesh, não deixes que as Águas da Morte toquem a tua mão! Pega uma vara, depois outra, uma terceira, uma quarta..." Gilgamesh empurra o barco com as varas, uma depois da outra, até usar todas as cento e vinte. Então tira a roupa e a ergue como vela no mastro.

10 Utnapishtim olha ao longe e pensa: "Por que o barco está sem o que o movia? Quem é esse no barco, que não é dos meus? Olho e não reconheço esse homem." (Faltam linhas.) Gilgamesh conta a ele a sua história: "Pensei: vou ver Utnapishtim, o Distante. Atravessei todas as terras, subi montanhas difíceis, cruzei todos os mares.

10.2 O meu rosto não conheceu o sono doce; eu me cansei, e a minha carne se encheu de dor. Antes de chegar à casa da mulher do vinho, as minhas roupas já estavam gastas. Matei corujas, morcegos, leões, leopardos, gatos selvagens, veados e cabras, comi a sua carne e me vesti com as suas peles."

11 Utnapishtim responde (o começo da fala se perdeu): "Será que construímos casas para sempre? Será que selamos contratos para sempre? Será que os irmãos dividem a herança para sempre, ou o ódio dura para sempre? Será que o rio cheio corre para sempre? O rosto que olha o sol logo não estará mais aqui.

11.2 Quem dorme e quem morre são iguais: a morte não faz diferença entre o servo e o senhor. Os Anunnaki, os grandes deuses, se reúnem, e Mammetum, que faz os destinos, decide com eles. Eles determinam a morte e a vida, mas o dia da morte não revelam."

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA XI

✦

1 Gilgamesh diz a Utnapishtim, o Distante: "Olho para ti, Utnapishtim, e não és diferente de mim. Tu és como eu. Pensei que fosses um herói pronto para a luta, e estás deitado de costas, descansando. Conta-me: como chegaste à assembleia dos deuses e ganhaste a vida para sempre?"

2 Utnapishtim responde: "Gilgamesh, vou te revelar uma coisa escondida, um segredo dos deuses. Conheces Shuruppak, a cidade à beira do Eufrates. É uma cidade antiga, e os deuses viviam nela. Os grandes deuses decidiram mandar o dilúvio: Anu, o pai deles; Enlil, o conselheiro; Ninurta, o mensageiro; Ennugi, o guarda dos canais. Ea estava com eles e jurou segredo, mas contou o plano para a minha cabana de junco."

3 "Ele disse: Cabana, cabana! Parede, parede! Escuta, cabana; presta atenção, parede! Homem de Shuruppak, filho de Ubara-Tutu, derruba a casa e constrói um barco. Abandona as riquezas e salva a vida. Põe no barco a semente de todos os seres vivos. O barco que vais fazer deve ter as medidas certas, a largura igual ao comprimento.

3.2 Eu entendi e disse a Ea, o meu senhor: farei como dizes. Mas o que vou dizer à cidade, ao povo e aos anciãos? Ea me respondeu: dize a eles que Enlil te odeia, que não podes mais morar na cidade nem pisar na terra de Enlil, e que vais descer ao Abismo para viver com Ea. E que sobre eles Enlil fará chover fartura: aves, peixes e grandes colheitas."

4 "Ao amanhecer, o povo se juntou em volta de mim. As crianças traziam o piche, os fortes traziam o que era preciso. No quinto dia montei a estrutura: as paredes tinham dez varas de altura, e o convés, dez varas de cada lado. Fiz seis andares e os dividi em sete partes, e o interior em nove. Calafetei, preparei as varas de remo e tudo o mais que era preciso.

4.2 Derramei no forno seis medidas de betume e três de piche. Para os trabalhadores, matei bois e cordeiros todos os dias; eles beberam cerveja, vinho e óleo como se fosse água do rio, e fizeram festa como no Ano-Novo."

5 "Carreguei o barco com tudo o que eu tinha: a prata, o ouro, a semente de todos os seres vivos. Embarquei a minha família e os meus parentes, os animais do campo, as feras e os artesãos. Tinham me dado um sinal: quando à noite cair uma chuva farta, entra no barco e fecha a porta. A hora chegou. Olhei para o céu e o tempo dava medo. Entrei no barco e fechei a porta. Entreguei o barco, com tudo o que havia dentro, a Puzur-Amurri, o barqueiro."

6 "Quando a luz da manhã começou, subiu do horizonte uma nuvem negra, e dentro dela trovejava Adad, o deus da tempestade. Nabu e Sharru iam na frente, como mensageiros, por montes e planícies. Irragal arrancou as estacas da represa, Ninurta abriu os diques, e os Anunnaki ergueram as tochas e queimaram a terra com o seu brilho. O silêncio de Adad subiu até o céu, e tudo o que era claro virou escuridão."

7 "Ninguém enxergava o irmão; do céu não se viam mais os homens. Os próprios deuses ficaram com medo do dilúvio. Fugiram e subiram ao céu de Anu, e se encolheram junto à muralha, como cães. Ishtar gritava como uma mulher em trabalho de parto, a senhora de voz doce chorava: que aquele dia vire pó, porque falei mal na assembleia dos deuses!

7.2 Como pude pedir a destruição do meu povo? Fui eu que dei à luz os homens, e agora eles enchem o mar como ovas de peixe! Os Anunnaki choravam com ela; os deuses estavam sentados, humilhados, chorando, de lábios fechados."

8 "Por seis dias e sete noites o vento, o dilúvio e a tempestade varreram a terra. No sétimo dia, a tempestade, que lutava como um exército, parou. O mar se acalmou, o vento passou, o dilúvio acabou. Olhei o dia: tudo estava em silêncio, e toda a humanidade tinha voltado ao barro. A planície estava rasa como um telhado."

9 "Abri uma janela, e a luz bateu no meu rosto. Ajoelhei-me e chorei; as lágrimas corriam pelo meu rosto. Olhei até os confins do mar: a doze léguas surgia terra. O barco encalhou no monte Nisir, e o monte segurou o barco e não o deixou mais se mexer — um dia, dois dias, três, quatro, cinco, seis dias."

10 "Quando chegou o sétimo dia, soltei uma pomba. Ela foi e voltou, porque não achou lugar para pousar. Soltei uma andorinha; ela foi e voltou, porque não achou lugar. Soltei um corvo; o corvo foi, viu que as águas tinham baixado, comeu, ciscou, grasnou e não voltou. Então soltei todos os animais aos quatro ventos e ofereci um sacrifício no alto do monte: pus sete e sete vasos, e debaixo deles junco, cedro e murta."

11 "Os deuses sentiram o cheiro, o cheiro bom, e se juntaram como moscas em volta de quem oferecia o sacrifício. A grande deusa chegou e ergueu o colar de pedras preciosas que Anu tinha feito para ela: deuses, assim como

não esqueço este colar de lápis-lazúli, não vou esquecer estes dias. Que os deuses venham à oferenda, mas Enlil não, porque, sem pensar, mandou o dilúvio e entregou o meu povo à destruição."

12 "Quando Enlil chegou e viu o barco, ficou furioso com os deuses: algum ser vivo escapou? Nenhum homem devia sobreviver à destruição! Ninurta disse a Enlil: quem mais faria isso, senão Ea? Ea sabe de tudo. Então Ea disse a Enlil: tu, o mais sábio dos deuses, o herói, como pudeste mandar o dilúvio sem pensar?

12.2 Castiga o pecador pelo seu pecado, o culpado pela sua culpa, mas tem piedade, para que nem todos sejam destruídos. Em vez do dilúvio, que viesse um leão diminuir os homens; em vez do dilúvio, que viesse um lobo; que viesse a fome e devastasse a terra; que viesse a peste e matasse o povo.

12.3 E não fui eu quem revelou o segredo dos grandes deuses (nas outras cópias: mostrei um sonho ao muito sábio, e ele entendeu). Agora decide o que fazer com ele."

13 "Então Enlil subiu ao barco, pegou a minha mão e me fez sair, e fez a minha mulher se ajoelhar ao meu lado. Tocou a nossa testa, ficou entre nós e nos abençoou: até agora Utnapishtim foi só um homem; de agora em diante, ele e a sua mulher serão como nós, os deuses. Que Utnapishtim more longe, na foz dos rios. E assim me levaram para longe e me fizeram morar na foz dos rios. Mas tu, quem vai reunir os deuses por ti, para que encontres a vida que procuras? Vamos, tenta não dormir seis dias e sete noites."

14 Mas, assim que se senta, o sono sopra sobre Gilgamesh como uma névoa. Utnapishtim diz à mulher: "Olha o homem forte que quer a vida: o sono soprou sobre ele como uma névoa." A mulher responde: "Toca nele e acorda-o, para que ele volte em paz pelo caminho por onde veio, pela porta

por onde saiu, para a sua terra." Utnapishtim diz: "Como te preocupas com as aflições dos homens! Assa um pão por dia e põe ao lado da cabeça dele, e marca na parede os dias que ele dormir."

15 Ela faz isso. O primeiro pão fica duro, o segundo fica como couro, o terceiro fica úmido, o quarto fica branco, o quinto fica mofado, o sexto ainda está fresco, e o sétimo está no fogo quando Utnapishtim toca em Gilgamesh, e ele acorda. (Thompson lê estas linhas como as etapas de preparo do pão; a leitura de hoje, mais aceita, é a do pão estragando a cada dia, que prova quanto tempo ele dormiu.)

16 Gilgamesh diz: "Mal o sono caiu sobre mim, tu me tocaste e me acordaste." Utnapishtim mostra os pães: "Conta-os, Gilgamesh: são sete. Dormiste sete dias." Gilgamesh responde: "O que vou fazer, Utnapishtim? Para onde vou? Um ladrão roubou a minha coragem. A morte mora no meu quarto, e para onde eu olhar, lá está a morte."

17 Utnapishtim diz ao barqueiro: "Urshanabi, a travessia não te quer mais, a margem te fecha a passagem. Leva este homem que trouxeste para se lavar. Que ele lave na água a sujeira do corpo até ficar branco como a neve, que jogue as peles no mar, que o seu corpo fique bonito, que ponha um diadema novo na cabeça e vista uma roupa que não envelheça até ele chegar à sua cidade." Urshanabi faz tudo isso. Depois, Gilgamesh e Urshanabi embarcam e lançam o barco nas ondas.

18 A mulher de Utnapishtim lhe diz: "Gilgamesh veio até aqui cansado, remando com esforço. O que vais lhe dar para levar para a sua terra?" Gilgamesh ergue a vara e traz o barco de volta à margem. Utnapishtim diz: "Gil-

gamesh, vou te revelar uma coisa escondida. Há uma planta como um espinheiro no fundo do mar. Os seus espinhos ferem as mãos como os da roseira. Se a tua mão alcançar essa planta, terás a vida nova."

19 Ao ouvir isso, Gilgamesh solta o cinto, amarra pedras pesadas nos pés, e elas o levam até o fundo. Ele encontra a planta e a arranca, e os espinhos ferem a sua mão. Corta as pedras dos pés, e o mar o devolve à margem.

20 Gilgamesh diz ao barqueiro: "Urshanabi, esta planta é maravilhosa: com ela o homem recupera a força. Vou levá-la para Uruk das grandes muralhas e dá-la para comer (a quem, a tábua não diz; nas outras cópias, aos velhos). O nome dela é O-velho-volta-a-ser-jovem. Eu também vou comê-la e voltar à juventude."

21 Na quadragésima hora param para comer; na sexagésima, para descansar. Gilgamesh vê um poço de água fresca e desce para se banhar. Uma serpente sente o cheiro da planta, sobe da água e a leva (nas leituras de hoje, ela troca de pele ao ir embora). Gilgamesh se senta e chora, com as lágrimas correndo pelo rosto: "Urshanabi, para quem os meus braços trabalharam? Para quem o meu coração se esgotou? Não ganhei nada para mim. Fiz o bem para uma cobra. Se eu tivesse visto o sinal e deixado o barco na margem..."

22 Na quadragésima hora param para comer; na sexagésima, para descansar. E chegam a Uruk das grandes muralhas. Gilgamesh diz ao barqueiro: "Urshanabi, sobe na muralha de Uruk e anda por ela. Olha os alicerces, exa-

mina os tijolos: não são de barro cozido? A base não é de betume, em sete camadas? Uma parte é cidade, uma parte é jardim, uma parte é campo de barro, e há o templo de Ishtar: três partes e o templo, isso é Uruk."

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÁBUA XII

✦

1 (Esta tábua não continua a história anterior: é a tradução de um poema sumério mais antigo, em que Enkidu ainda está vivo. Por isso muitos estudiosos a veem como um apêndice.) (O começo está muito quebrado.) Gilgamesh perdeu dois objetos de madeira — no poema sumério, um tambor e uma baqueta que caíram no mundo dos mortos — e Enkidu se oferece para descer e buscá-los.

2 Gilgamesh o avisa: "Se desceres ao mundo dos mortos, não vistas roupa limpa, senão eles vão te reconhecer como estranho. Não te unjas com o óleo bom, senão vão se juntar em volta de ti pelo cheiro. Não atires a lança, senão os mortos pela lança vão te cercar. Não leves bastão na mão, senão os espíritos vão tremer diante de ti. Não calces sandálias nem faças barulho no chão.

2.2 Não beijes a mulher que amas nem batas na que odeias, não beijes o filho que amas nem batas no que odeias, senão o lamento da terra vai te prender."

3 O lamento é pela deusa que jaz morta lá embaixo: "Ela, que jaz morta, a mãe de Ninazu, que jaz morta — os seus ombros belos já não estão cobertos pelo manto, o seu peito já não está erguido."

4 Mas Enkidu faz tudo o que foi proibido: veste roupa limpa, unge-se com óleo bom, e os mortos se juntam em volta dele; atira a lança, e os mortos pela lança o cercam; leva um bastão, e os espíritos tremem; calça sandálias e

faz barulho; beija a mulher que ama e bate na que odeia, beija o filho que ama e bate no que odeia. E o lamento da terra o prende.

5 Gilgamesh chora por Enkidu, que não sobe mais da terra: "Não foi Namtar, a peste, que o pegou, nem a febre, foi a terra. Não foi Nergal, o cruel, que o pegou, foi a terra. Não caiu no campo de batalha dos homens: foi a terra que o pegou."

6 Sozinho, Gilgamesh vai ao templo de Enlil: "Pai Enlil, a rede me pegou, caiu sobre mim. Enkidu, a quem peço que suba da terra, não foi levado pela peste nem pela febre, foi a terra que o pegou." Enlil não responde. Ele vai ao deus da lua e diz o mesmo; o deus da lua não responde. Vai a Ea.

7 Ea, o pai, escuta e diz a Nergal, o herói: "Nergal, abre um buraco na terra, para que o espírito de Enkidu saia e fale com o seu irmão." Nergal abre o buraco, e o espírito de Enkidu sobe da terra como um sopro de vento. Os dois se abraçam e conversam, chorando.

8 "Fala, meu amigo, fala: o que viste das leis do mundo de baixo?" "Não te conto, meu amigo, não te conto. Se eu te contar o que vi, vais te sentar e chorar." "Então vou me sentar e chorar." "O corpo que tu acariciavas e que alegrava o teu coração, os vermes o comem como uma roupa velha. O corpo que tu acariciavas está cheio de pó."

9 (Faltam linhas.) Gilgamesh pergunta pelos mortos, e Enkidu responde. "O que morreu de uma morte tranquila, viste?" "Vi: descansa numa cama e bebe água limpa." "O que morreu na batalha, viste?" "Vi: o pai e a mãe seguram a sua cabeça, e a mulher chora por ele."

10 "Aquele cujo corpo ficou jogado na estepe, viste?" "Vi: o seu espírito não descansa debaixo da terra." "Aquele cujo espírito não tem ninguém que cuide dele, viste?" "Vi: come os restos dos copos e os pedaços de pão que jogam na rua."

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0